

Consequências da Violência Psicológica em Mulheres em Relacionamento Abusivo

Consequences of Psychological Violence in Women Victims of Abusive Relationships

Bruna Gonçalves Rossetto¹
Jaime Ramos de Andrade²
Júlia Augusta Rocha Moreira³
Cláudia Lopes Ferreira⁴

RESUMO

Este estudo buscou compreender as consequências psicológicas em mulheres que sofreram relacionamento abusivo, abrangendo todas as classes sociais e com faixa etária entre 18 e 50 anos. Desta forma, buscou-se compreender como as mulheres dentro de sua faixa etária e classe social são afetadas e também como a violência psicológica é vista como uma violência silenciosa. O método utilizado foi um questionário por meio eletrônico e a abordagem escolhida foi a quali-quantitativa.

Palavras-chave: Consequências Psicológicas, Mulheres, Relacionamento Abusivo, Saúde Mental e Violência Psicológica.

ABSTRACT

This study sought to understand the psychological consequences in women who had an abusive relationship, covering all social classes and aged between 18 and 50 years. In this way, seeking to understand how each woman within her age group, social class is affected and also how psychological violence is seen as silent violence. The method used was a questionnaire by electronic means and the chosen approach was the qualitative and quantitative.

Keywords: Psychological Consequences, Women, Abusive Relationship, Mental Health and Psychological Violence.

Introdução

Historicamente, a violência contra a mulher sempre esteve presente, já que o patriarcado sempre esteve em sua história. Este que surge a partir do momento em que o homem passa a ser o dominante e a mulher a submissa, ele é a expressão da dominação masculina, que reflete em todos os âmbitos da sociedade. Partindo disso, são reconhecidos diversos tipos de violência contra a mulher, sendo elas a violência sexual, patrimonial, física, moral e a psicológica, sendo esta última a ser tratada no presente artigo (SAFFIOTI, 2004 p. 54-56).

¹ Acadêmica do 10º termo do curso de Psicologia no Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium – UniSalesiano Campus Araçatuba.

² Acadêmica do 10º termo do curso de Psicologia no Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium – UniSalesiano Campus Araçatuba.

³ Acadêmica do 10º termo do curso de Psicologia no Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium – UniSalesiano Campus Araçatuba.

⁴ Assistente social; mestre em Política Públicas e Serviço Social; Doutoranda em Saúde Pública; Docente do Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium – UniSalesiano Campus Araçatuba.

Considerando os dados da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos, percebeu-se um aumento médio de 14,1% nos primeiros quatro meses do ano 2020, em comparação ao mesmo período de 2019. O total de registros foi de 32,9 mil entre janeiro e abril de 2019 contra 37,5 mil no mesmo período de 2020 de registros de violência contra as mulheres no Brasil (BRANDÃO, 2020).

No Brasil, somente em 7 de agosto de 2006, foi sancionada a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/06), criada com o objetivo de prevenir e erradicar a violência contra a mulher no âmbito doméstico e familiar, e que pode ser definida como qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial (art. 5º, Lei 11.340/06), e tais violências se constituem em uma das formas de violação dos direitos humanos das mulheres (art. 6º, Lei 11.340/06). Esta legislação somente foi sancionada após esforços de Maria da Penha, mulher violentada que recorreu à justiça internacional, alegando negligência do Estado brasileiro a respeito da violência doméstica sofrida e da não responsabilização de seu marido –autor das agressões e que culminou com a condenação do Brasil pela Comissão Interamericana de Direitos Humanos (BRASIL, 2006).

No Brasil a violência psicológica está tipificada no artigo 7 da Lei Maria da Penha:

II - a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, violação de sua intimidade, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação;

Neste estudo, será tratada a violência psicológica, que por ser de difícil identificação ou compreensão, se transforma em uma violência silenciosa, que só é confirmada como violência com a primeira agressão (DE OLIVEIRA *et al.* 2016).

A violência psicológica é a principal característica de uma relação afetiva abusiva e pode ser descrita como qualquer conduta que busque diminuir, manipular, controlar, humilhar, chantagear ou/e quaisquer outros atos que visem causar danos emocionais a vítima. Por ser uma violência de difícil constatação, a vítima, por não conseguir compreendê-la, sofre em silêncio,

transformando-o em diversos problemas mais graves, como depressão, fraqueza, baixa autoestima, insegurança e até mesmo suicídio (DE OLIVEIRA et al. 2016, p.9).

Os danos das agressões psicológicas deixam marcas que afetam toda relação pessoal e interpessoal, para isso, é necessária a ação do psicólogo para a criação de mecanismos internos dessas mulheres, fazendo com que elas compreendam que não há motivos para permanência daquela situação, buscando ações de empoderamento das mesmas para que atribuam domínio e poder de determinadas situações que violem sua vivência em sociedade como mulher (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2013).

Em sua totalidade, a violência afeta a mulher de forma bidimensional, ou seja, sua parte interna e externa a ela, desta forma, a sua saúde mental fica cada vez mais comprometida devido aos diversos traumas e possíveis transtornos que são consequências da violência, entre eles se destacam a depressão e ansiedade. A psicologia tem como foco entender o sofrimento e a dor que essas mulheres vivenciaram ao longo de um relacionamento abusivo e não as culpar, mas acolhê-las dentro de seu sofrimento. Adentrar neste assunto é buscar entender como o patriarcado e o meio afetam diretamente a mulher de alguma forma e como ela é discriminada ainda em diversos aspectos. Entender o sofrimento e a dor destas mulheres traz um novo entendimento dentro da psicologia, uma nova perspectiva do que esperar e como fazer o atendimento ser mais leve e tranquilo (CARVALHO; OLIVEIRA, 2017).

A violência psicológica deixa marcas invisíveis e se torna sutil ao ponto de a mulher não conseguir identificá-la como violência, embora ela destrua aos poucos o seu bem-estar e autoestima, criando confusão e sentimento de incapacidade. A mulher se torna então incapaz de tomar decisões que julga como certas ou que possam agradar o companheiro. A violência não física se torna um abuso da confiança da mulher sobre o que ela considera amor e um relacionamento (MILLER, 1999 *apud* DE QUEIROZ; CUNHA 2018).

Deste modo o presente artigo tem como objetivo investigar como a violência psicológica pode afetar de forma negativa a identificação, expressão e a capacidade de lidar com as emoções, podendo prejudicar as relações interpessoais, utilizando a pesquisa quali-quantitativa.

Material e Método

Trata-se de um estudo que aborda as consequências da violência psicológica na mulher que vivencia ou já vivenciou um relacionamento abusivo. O material para a base da pesquisa bibliográfica foi coletado nas bases eletrônicas de dados científicos, em que foram selecionados os periódicos com textos completos na área das ciências da saúde e humanas, especificamente, da psicologia.

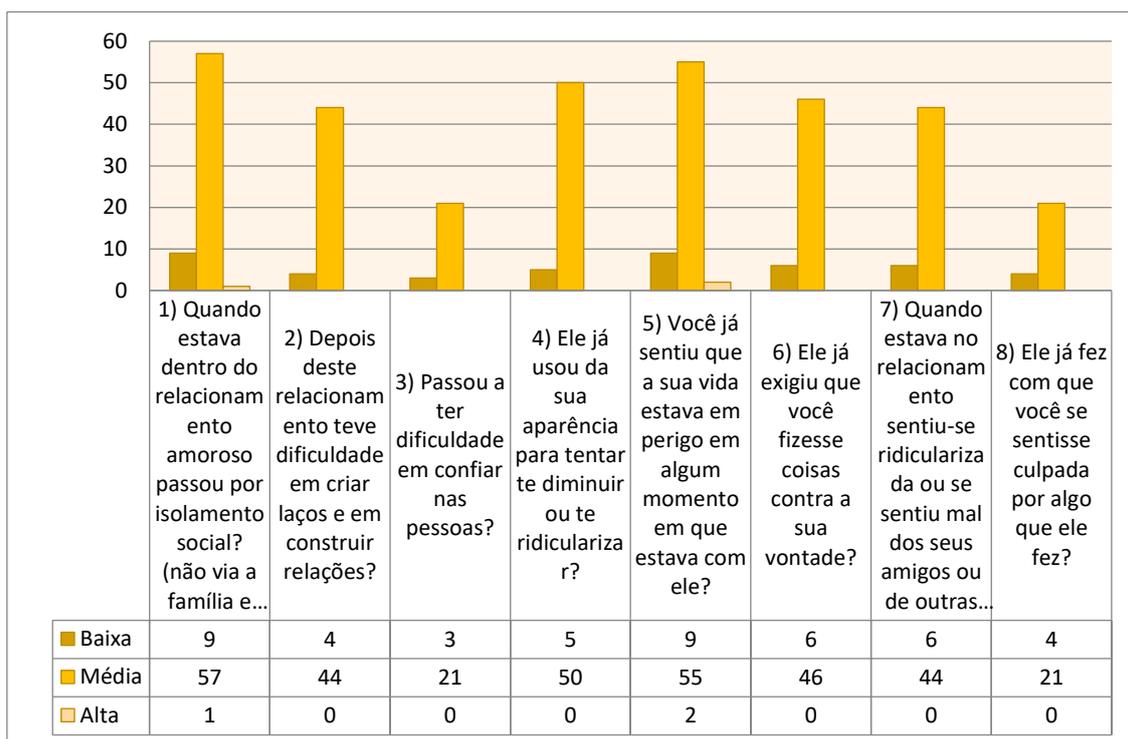
A coleta de dados empíricos foi realizada por meio de questionário eletrônico envolvendo mulheres na faixa etária entre 18 e 50 anos, abrangendo todas as classes sociais, com o objetivo de analisar as alterações e consequências psicológicas geradas por relacionamento abusivo. O questionário chegou até as mulheres por meio das redes sociais, tais como: Facebook e Instagram, sendo respondido de forma voluntária.

Resultados

De acordo com os resultados encontrados através da coleta de dados, podemos reconhecer o pensamento de Machado (1998 *apud* SILVA, 2010) que afirma que o feminino é morto pelo e em nome do masculino. As mulheres eram mortas em nome da honra masculina, por questões ligadas à sua vida privada ou sua intimidade. No início dos anos 1970, o discurso dos movimentos sociais utilizando a publicidade dos atos de violência contra a mulher, a opinião pública se sensibilizou desmascarando então que homens de classe média ou alta eram tão violentos quanto aos que pertenciam às classes populares.

A coleta de dados foi realizada com mulheres com idades entre 18 e 50 anos, revelando que 88,88% das mulheres que responderam ao questionário que sofreram violência psicológica, foram contabilizadas no total cento e oito (108) respostas, sendo 18,5% de mulheres classificadas como pertencentes à classe baixa, dentre elas 15,74% relataram sofrer violência psicológica; dentre as 79,6% mulheres que se declararam pertencentes à classe média, 70,37% relataram sofrer violência psicológica; por fim, somente duas (2) mulheres pertencentes à classe alta relataram ter sofrido violência psicológica, o que equivale a 1,9%. A classificação de classe social ocorreu de forma auto declaratória, ou seja, cada mulher se identificou com um nível social.

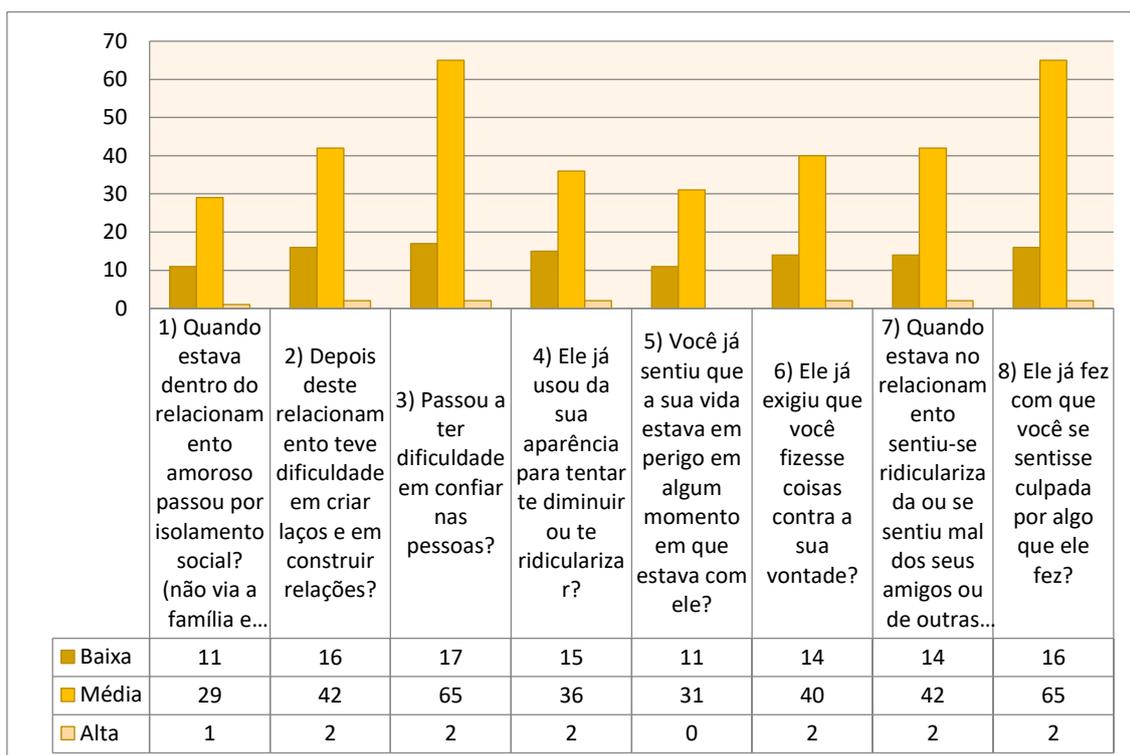
Gráfico 1 - Respostas negativas apresentadas na pesquisa



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2020

Como foi possível observar no Gráfico 1, as situações de violência e o modo como as vivenciam não se distinguem de experiências que mulheres de qualquer posição social e educacional quando considerados os sentimentos de medo e insegurança decorrentes das ocorrências de violência. Existem aspectos que são compartilhados entre mulheres com diferentes posições socioeconômicas, o que reforça a ideia de que o fenômeno da violência causa um impacto no modo como as relações de gênero estão estabelecidas na sociedade.

Gráfico 2 - Respostas positivas apresentadas na pesquisa



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2020

Com relação às idades, dentre as respondentes que afirmaram terem sofrido violência psicológica, 96 das 108 mulheres estão na faixa etária de 18 a 50 anos. Para fins de análise, foram classificadas em intervalos de dez anos, sendo possível verificar que há uma maior concentração de violência psicológica em mulheres na faixa etária de 29 a 38 anos, ainda que as respostas da faixa etária 29 a 38 anos serem menores em relação às mulheres de 18 a 28 anos, os relatos de violência têm maior incidência no grupo de mulheres de 29 a 38 anos. De acordo com SILVIA *et al.* (2016), as mulheres nesta faixa etária estão no momento em que, possivelmente, se relacionam com mais pessoas e desenvolvem uma carreira profissional. O homem socializado a reproduzir a violência de gênero passa a querer diminuí-la e afetá-la para que ela continue a viver em um ciclo vicioso de violência: 1º Fase de aumento de tensão, 2º Fase de ataque violento e 3º Fase de calma/Lua de mel.

Conforme Silvia *et al.* (2016), ainda apresenta que as mulheres trazem como principais queixas o abuso de poder, alcoolismo e drogadição do agressor, falta de diálogo com elas, família, filhos e aceitação de suas subjetividades, deste modo interferindo em seu desenvolvimento pessoal e profissional.

Esta faixa etária também pertence a mulheres em que a violência que não resulta em morte se concentra. Existem situações em que a ausência de uma ocupação faz com que essas mulheres dependam economicamente de seu companheiro, e quando privadas de seus direitos de cidadania, dificilmente saem do ambiente que lhe é opressor e violento (AMARAL, 2013).

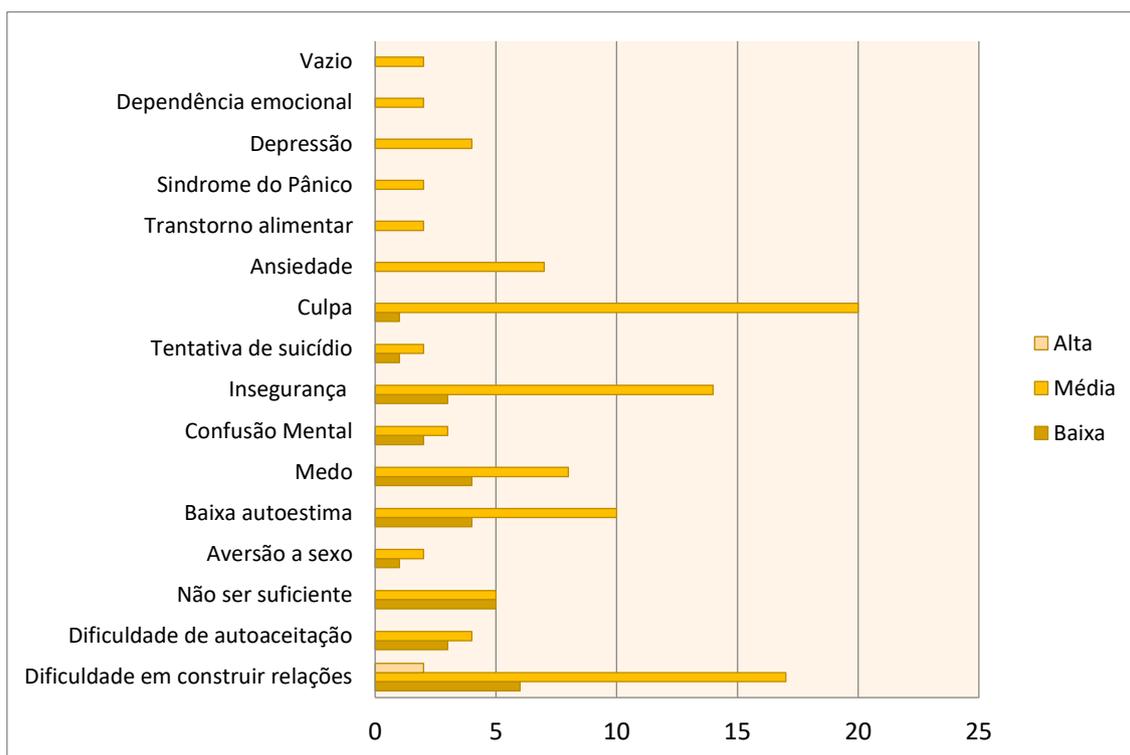
Ao relacionar patriarcado e violência contra as mulheres, nota-se diferentes níveis de vulnerabilidades aos quais as mulheres se encontram submetidas já que, na maioria das vezes, o autor da agressão está dentro de casa, numa relação afetiva com vínculos familiares estabelecidos com as mulheres. Desta forma, essas mulheres acabam não compreendendo que são violentadas e que tal violência até saírem dos relacionamentos abusivos e reconhecem o desenvolvimento de algum tipo de transtorno (SILVIA *et al.* 2016).

Os dados do Gráfico 3 apresentam dezesseis (16) tipos de consequências, sendo as de maior incidência na classe baixa: medo, baixa autoestima, não se sentir suficiente e dificuldades em construir relações; na classe média: a culpa, insegurança, baixa autoestima e dificuldades em construir relações; na classe alta: relataram apenas a dificuldade em construir relações.

A violência psicológica pode gerar efeitos negativos para a autoimagem e autoestima das mulheres, além disso, a experiência de violência gera níveis de depressão, ansiedade e regulação emocional. Os resultados obtidos indicam potencial prejuízo da exposição à violência na saúde mental de mulheres nessa situação.

A regulação emocional pode ser definida como a capacidade de manter, aumentar ou diminuir os componentes de uma resposta emocional. Trata-se do processo de entender as emoções e lidar com elas, tendo consciência da sua duração e intensidade. Essas dificuldades podem prejudicar as relações interpessoais e se associar a sintomas de depressão e ansiedade. A depressão é um transtorno caracterizado pela presença de humor deprimido quase todos os dias; os sintomas incluem sentimento de culpa e inutilidade, capacidade diminuída para se concentrar, pensamentos recorrentes de morte, insônia, alterações no apetite, alterações psicomotoras, fadiga, queixas somáticas e perda de interesse pelas atividades (ZANCAN; HABIGZANG, 2018).

Gráfico 3- Consequências Psicológicas apresentadas pelas entrevistadas



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2020

Algumas pesquisas referentes ao estresse pós-traumático apontam que as mulheres fazem uso de ansiolíticos ou antidepressivos para suportar o sofrimento psicológico e esperam que os psicofármacos aliviem a sensação de impotência, depressão, ansiedade e outras emoções negativas decorrentes da violência (HATZENBERGER *et al.* 2010).

A violência psicológica comumente é identificada por meio de humilhações, desprezo e xingamentos e ocorre, a priori de outras formas de violência e perdura durante todo o ciclo de violência. A partir dela, todas as outras violências se manifestam e são incorporadas, sendo possível observar que o sofrimento psíquico em situações de abuso é de maior intensidade do que as que sofreram violência física (FONSECA; RIBEIRO; LEAL, 2012).

Nos relatos a seguir, as entrevistadas A e B verbalizaram a respeito da violência psicológica ou emocional, que é sofrida por muitas mulheres, algumas vezes ou durante anos, causando sofrimento psíquico. O autor da violência usa esse modo de agressão com a intenção de diminuir a imagem da mulher, o que faz com que ela se sinta desprezada e sem valor. Com o passar do tempo, a mulher perde, dentre outras coisas, a sua autoestima. Monteiro e Souza (2007 *apud* FONSECA;

RIBEIRO; LEAL, 2012) confirmaram a violência psicológica prevalente às outras violências, sendo essas violências ritualizadas e empreendidas sobre a mesma.

Porque eu me sentia como um pássaro preso na gaiola, que não fazia nada pelas minhas vontades (Entrevistada A).

Eu estava me sentindo incapaz de realizar certas coisas, me fazia me sentir pequena mediante a vida, fazia eu duvidar de mim mesma. Percebi quando eu tinha que fazer tudo que ele queria, quando começou a me proibir de postar coisas nas redes sociais, de quando começou a exigir a cor do esmalte que eu passava, a controlar os meus horários de academia, trabalho. Em brigas me humilhava, xingava etc (Entrevistada B).

Como podemos observar nos relatos a seguir de J e Z, o sofrimento psíquico pode fazer com que a mulher desenvolva doenças psicossomáticas, e a depressão é a mais comum. Os fatores estressores no ambiente familiar estão entre os fatores psicodinâmicos desencadeadores da doença (FONSECA; RIBEIRO; LEAL, 2012).

Carrego muitas feridas emocionais. Tenho medo de me sentir tão péssima dentro de um relacionamento de novo e nem me dar conta do por que, sem autoestima, acabar me doando demais além do saudável, medo de me envolver na dependência emocional que a pessoa abusiva causa e não conseguir sair, me sentir insuficiente, impotente, não conseguir reagir a violências físicas e psicológicas. Isso além do medo de ser perseguida de novo, como ele me perseguiu, quando o relacionamento terminou. E também carrego cicatriz física de quando tentei suicídio, ainda enquanto estava dentro daquele relacionamento doente (na época eu ainda não tinha clareza sobre o porquê da minha saúde mental estar tão quebrada) (Entrevistada J).

Parecia que estava pisando em ovos, tomava todo cuidado para não fazer nada de 'errado' que pudesse magoar meu companheiro, tinha crises de choro frequente, perdi muito peso e nada que eu fizesse parecia ser suficiente para agradar ele. Fui perceber que era abusivo depois de anos que terminamos a relação, quando comecei a conhecer o feminismo e suas vertentes, e ainda assim foi muito difícil aceitar que ele era meu abusador (Entrevistada Z).

Como descrito nos relatos das entrevistas X e Y, a violência psicológica compromete a autoestima, podendo fazer com que o indivíduo distorça o pensamento na construção de seus valores e autodepreciação, o que interfere no bem-estar e no desenvolvimento da saúde psíquica da mulher. Os maus-tratos sofridos pela mulher geram perdas significativas em sua saúde física e mental, acometendo os componentes sociais como rede de apoio (MONTEIRO; SOUZA 2007 *apud* FONSECA; RIBEIRO; LEAL, 2012).

Percebi que eu não era eu mesma muito antes do término, porém não havia coragem de encarar o término, as falsas ilusões atrapalhavam também. Esperei o momento certo, uma oportunidade de terminar e assim foi (Entrevistada X).

Sentia medo, insuficiência, incerteza, tristeza, angústia, raiva, me sentia mal com meu corpo, com minha personalidade. Sentia que era uma pessoa difícil de lidar, que não teria nenhum tipo de conquista além daquela posição que ocupava de namorada... Percebi que estava dentro de um relacionamento abusivo só depois de sair dele e fazer muito tempo de terapia (Entrevistada Y).

As principais consequências da violência são o trauma, o desamor e a insensibilidade, sua de qualidade de vida e gerando dificuldade na inserção social (FONSECA; RIBEIRO; LEAL, 2012).

Conclusão

A violência psicológica muitas vezes acaba passando de forma despercebida pelas mulheres, caracterizando-se como uma violência silenciosa, pois acomete a subjetividade dessas mulheres e causa danos internos que podem ou não causarem sintomas que se expressam de forma externa. Diante dos dados levantados, pode-se induzir que algumas características violentas presentes em um relacionamento abusivo são normalizadas pela sociedade. É comum ouvir expressões do tipo: *a mulher apanhou porque gosta; ele pediu para trocar de roupa porque só está cuidando de você; que deve ser perdoado porque foi somente um erro, fora isso ele é bom*, são frases que muitas vezes trazem consigo uma forma de que para se ter amor deve-se se ter violência.

A desigualdade de gênero é construída dentro da sociedade por tradições e estruturas de poder. Relacionando aos dados coletados, infere-se o quanto as mulheres ainda não conseguem identificar uma relação abusiva e muito menos que sofreram violência psicológica, somente percebendo quando entram em contato com a expressão *relacionamento abusivo* pelas mais diferentes formas.

A pesquisa constatou que essa modalidade da violência não se distingue de experiências de mulheres em qualquer posição social quando se é considerado os sentimentos de culpa, insegurança, baixa autoestima, medo, não se sentir suficiente e as dificuldades em construir relações decorrentes das humilhações, manipulações, controle, discriminação, perseguição e limitações dos direitos de ir e vir. A maior

concentração de violência psicológica está em mulheres na faixa etária entre 29 e 38 anos, decorrentes de uma possível dependência emocional e/ou financeira de seu agressor, apontando que esses fatores associados dificultam o rompimento do ciclo de violência.

Portanto, é imprescindível que esforços sejam realizados no sentido de discutir coletivamente as desigualdades de gênero e seus prejuízos políticos, sociais e econômicos, bem como as formas possíveis para seu enfrentamento como forma de garantir os direitos humanos das mulheres.

Referências Bibliográficas

AMARAL, Nádia de A.; AMARAL, Cledir de A.; AMARAL, Thatiana L. M. Mortalidade feminina e anos de vida perdidos por homicídio/agressão em capital brasileira após promulgação da Lei Maria da Penha. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v.22, n.4, dez. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072013000400014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 08 out.2020.

BRASIL. Presidência da República. Lei n.º 11.340 – Lei Maria da Penha, de 07 de Agosto de 2006. Brasília: **Secretaria Especial de Políticas para Mulheres**, 2006.

BRANDÃO, Marcelo. **Lei Maria da Penha: subnotificações escondem número real da violência**. Agência Brasil, Brasília, ago. 2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-08/lei-maria-da-penha-subnotificacoes-escondem-numero-real-da>>. Acesso em: 17 ago.2020.

CARVALHO, José R.; OLIVEIRA, Victor H. **PCSVDF Mulher** – Violência doméstica contra a mulher e o impacto no trabalho, UFC/IMP, 2017. Disponível em: <<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/impacto-da-violencia-domestica-sobre-o-mercado-de-trabalho-e-a-produtividade-das-mulheres-nordestinas/>>. Acesso em: 10 set. 2019.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências técnicas para atuação de psicólogas (os) em Programas de Atenção à Mulher em situação de Violência**. Ed.1º, Brasília, fev. de 2013. Disponível em: <<http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/05/referencias-tecnicas-para-atuacao-de-psicologas.pdf>> Acesso em: 09 set. 2019.

CUNHA, Rogério S.; PINTO, Ronaldo B. Das formas de violência doméstica e familiar contra a mulher: violência psicológica. In: **Violência doméstica lei: Maria da Penha**. 6º edição. São Paulo, 2015. p. 84-86.

DA SILVA, Sergio G. Preconceito e discriminação: as bases da violência contra a mulher. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v.30, n.3, set. 2010. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000300009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 03 ago.2020.

DE OLIVEIRA, Francisca M. A. *et al.* Romantização do Relacionamento Abusivo, uma Violência Silenciosa: A Ineficácia da Lei Maria da Penha. 2016- **IX Encontro de Pesquisa e Extensão (Iniciação Científica)** - Faculdade Luciano Feijão, Sobral-CE. Disponível em: <https://flucianofejiao.com.br/novo/wp-content/uploads/2019/03/ROMANTIZACAO_DO_RELACIONAMENTO_ABUSIVO_U_MA_VIOLENCIA_SILENCIOSA_A_INEFICACIA_DA_LEI_MARIA_DA_PENHA.pdf> Acesso em: 29 ago. 2019.

DE QUEIROZ, Rosana A.; CUNHA, Tania A.R. A Violência psicológica sofrida pelas mulheres: invisibilidade e memória. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v.10, n. 20, ago. 2018. Disponível em: <<http://revistanupem.unespar.edu.br/index.php/nupem/article/view/310/336>> Acesso em: 11 mar. 2020.

HATZENBERGER, Roberta; *et al.* Transtorno de estresse pós-traumático e prejuízos cognitivos em mulheres vítimas de violência pelo parceiro íntimo. **Ciências & Cognição**, v.15, Ago. 2010. Disponível em: <<http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/277/192>>. Acesso em: 14 jun.2020.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Descobertas da área das perfumarias: O conceito de patriarcado. In: **Gênero, patriarcado, violência**. 1º edição, São Paulo: Venda, 2004. p.53 -62.

SILVIA, Camila D. Representação da violência doméstica contra mulheres entre profissionais de saúde: idade como atributo de diferenciação. **Revenferm UERJ**, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/13212>> Acesso em: 27 ago. 2020.

ZANCAN, Natália; HABIGZANG, Luísa F. Regulação Emocional, Sintomas de Ansiedade e Depressão em Mulheres com Histórico de Violência Conjugal. **Psico-USF**, Campinas, v.23, n.2, jun. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712018000200253>. Acesso em: 11 set. 2019.